

EUCLIDES DA CUNHA E A DESCRIÇÃO DO SERTANEJO

Anne Caroline T. FAGUNDES

RESUMO

No livro “Os Sertões”, Euclides inicia expondo o autoctonismo do “homo americanus”. Em seguida considera a influência da variabilidade mesológica nos três elementos essenciais de nossa formação étnica, dando a gênese das sub-raças mestiças do Brasil. Daí a heterogeneidade racial brasileira e a impossibilidade de futura unidade de raça entre nós, devido a particularidades de cada elemento formador. Para confirmar sua teoria cita exemplos em nossa História.

Mostra o jagunço em sua gênese, esparramando-se do Maranhão à Bahia, passando pela gênese do mulato. Expõe a função histórica do Rio São Francisco na dinâmica social dos jagunços, descendentes de paulistas, e no aparecimento dos vaqueiros que se insularam nas regiões do interior. Nesse ponto surge Canudos, aglomerado de alimentos de uma subcategoria étnica já constituída: o sertanejo do norte. Mas a mistura de várias raças dá o tipo desequilibrado, possuidor da moralidade rudimentar das raças inferiores. Insulados, ficaram porém livres de uma adaptação, penosíssima, a um estágio social superior. Faz análises desses nossos patrocínios: o sertanejo, o gaúcho, estabelecendo comparações entre eles. Fala sobre o jagunço, as vaquejadas, a arribada.

Descreve as tradições dos vaqueiros, o estouro da boiada, o folclore, a influência das secas, a religiosidade mestiça. Conclui que as agitações sertanejas são baseadas no fanatismo. Canudos, por exemplo, é uma agitação nordestina, baseada no fanatismo. Monte Santo já era um lugar lendário. Daquela complexidade étnica e sob influências ecológicas e sociológicas era inevitável o aparecimento de um Antônio Conselheiro. Fizeram-no santo devido ao seu misticismo estranho, quase um feiticeiro. Ele não deslizou para a loucura, porque o ambiente o amparou, respeitando-o. Antônio Conselheiro descendia de cearenses do norte, de gente arrelenta que há 50 anos sustentava uma rixa de família. Infeliz no casamento, – abandonado pela esposa raptada por um policial, e por isso fulminado de vergonha – embrenha-se nos recessos dos sertões, surgindo incógnito, missionário sombrio, no nordeste baiano. Era produto condensado do obscurantismo de três

raças, criando em torno de si lendas que se espalhavam por toda aquela imensa região. A Igreja tentou intervir, inutilmente. Canudos, que era um lugarejo obscuro antes da vinda do Conselheiro, reviveu com sua chegada, em 1893, crescendo rapidamente, a pau a pique, chegando a possuir 5000 casas, com 15000 a 20000 habitantes.

Todo sertanejo que ali chegasse tornava-se logo um fanático. E, como muitos deles eram bandidos, saqueavam lugarejos, conquistavam cidades vizinhas, depredando-as. Eram subchefes do Conselheiro; José Venâncio, com 18 mortes; Pajeú e seu ajudante-de-ordens Lalau; Chiquinho e João da Mota, Pedrão, cafuz brutal; Estevão, disforme, tatuado à faca e à bala; Joaquim Tranca-pés; “Major” Sariema; o tragicômico Raimundo Boca-Torta, do Itapicuru; o ágil Chico Ema; Norberto; o velho Macambira e seu filho Joaquim; Villa-Nova; a figura ridícula, de mulato espigado, de Antônio Beato, meio sacristão e meio soldado; e o chefe de todos, João Abbade. Pregavam contra a República, sem convicção, mais “como variante forçada ao delírio religioso”. Um capuchinho lá estivera para convertê-los todos. Nada conseguira. Voltando, amaldiçoa a vida.

INTRODUÇÃO

Euclides da Cunha inicia apresentando os três tipos antropológicos que constituem a base racial da qual deriva diversas sub-raças brasileiras. Ele manifesta preocupação com essa mistura que, conforme os pressupostos evolucionistas que o influenciavam, enfraquecia os seres humanos. Assim, quanto menos miscigenação houvesse mais vigorosos seriam os homens tanto física como moralmente.

O indígena é o primeiro tipo apresentado. Os silvícolas encontrados aqui, à época do descobrimento, eram, de acordo com Cunha, originários de raças autóctones que habitavam o continente americano. O segundo tipo, o negro, o mais subjugado e desprotegido entre os três. E, por fim, o português responsável pelo gene aristocrático do povo brasileiro, seu elo com a civilização. Para o autor, não faz sentido a discussão sobre qual dentre as três raças seria predominante porque a tendência é de uma miscigenação contínua, dando origem à sub-raças, impossibilitando, dessa maneira, a unidade racial. O único meio desse povo biologicamente enfraquecido sobreviver é progredindo socialmente, já que o progresso físico estava comprometido.

Cunha associa como era comum naquele período, o desenvolvimento ou não de determinadas habilidades físicas ao meio geográfico. O clima e o relevo seriam elementos determinantes na formação dos habitantes de uma região específica. Para evidenciar nossa composição heterogênea, ele destaca duas sub-raças, mulata e sertaneja, cujas características singulares são contrapostas e diretamente vinculadas ao meio ambiente na qual foram forjadas, uma no litoral e outra no sertão.

Ele trata primeiramente do mulato, cuja gênese está fora do país. Embora a mistura entre branco e negro já acontecesse em Portugal, no Brasil, ela ganhou uma dimensão irreversível. O autor põe ênfase na subordinação cruel imposta aos africanos a ponto destes serem percebidos em relação de equivalência valorativa com um animal de carga. Aqui, os negros foram debilitados pelos grilhões e pelos desejos lascivos dos brancos. O mulato brasileiro surge quebrado pela serventia dos negros e contaminado pelos vícios dos brancos, tornando-se, segundo Cunha, o tipo característico do litoral.

O segundo tipo é o sertanejo, cuja origem remonta aos desbravadores bandeirantes oriundos de São Paulo e sua mistura com os indígenas. Por ser uma sub-raça mais pura, é também mais forte. O homem do sertão é apresentado sob três espectros: o jagunço, o vaqueiro e o gaúcho. Os três são vigorosos, mas o jagunço se sobressai porque é mais tenaz e mais resistente. Nas palavras de Cunha, os sertanejos eram retrógrados, mas não degenerados como os habitantes do litoral. O isolamento fez com que tivessem hábitos próprios e grande apego às tradições, com destaque para o sentimento religioso levado até o fanatismo. O sertão era, portanto, um lugar propício para que uma figura como Antônio Conselheiro encontrasse interlocutores.

O sertanejo é, por suas contingências existenciais, pouco desenvolvidos psiquicamente, por conseguinte, sua forma de cultivar a religiosidade era despida de conteúdos racionais mais elaborados. O autor define sua religião como mestiça, fundada, entre outras coisas, sobre um monoteísmo incompreensível. Incorpora elementos de religiões, narrativas e práticas distintas: “o *antropismo do selvagem*, o *animismo do africano* [...] e o *aspecto emocional da raça superior na época do descobrimento*”.

Distantes da civilização e da sua modernidade secularizada, os sertanejos tinham suas vidas marcadas pelas credices e superstições. Sua sobrevivência estava vinculada exclusivamente a terra. Essa situação de vulnerabilidade tornava-os propensos a buscar auxílio no sobrenatural. Daí, estarem sempre prontos a seguir os messias que apareciam naquelas paragens inóspitas e esquecidas. Diante das necessidades imediatas dos sertanejos, o catolicismo dos primeiros missionários, com sua ênfase no transcendente, não poderia prevalecer soberano sobre a magia dos africanos e dos indígenas. Com o tempo, os missionários não só se dobraram à religiosidade mágica daquele povo como também se tornaram seus fomentadores. Conforme Cunha, eles destruíam, apagavam e pervertiam tudo que foi ensinado pelos primeiros evangelizadores. Usavam a credulidade dos ingênuos para dominá-los. O temor que lhes inculcavam era tão grande que os tornavam facilmente manipuláveis.

Não sem razão, Antônio Conselheiro, com sua “*tranquilidade, altitude e resignação soberana de apóstolo antigo*”, conseguiu cativar de imediato a atenção desse povo sofrido. Sua insanidade e atavismo eram bem convergentes com as expectativas daqueles sertanejos de mentes obscurecidas. Conselheiro era,

segundo palavras do autor, um gnóstico bronco que “aceitou” a missão de apontar o caminho para pecadores.

Euclides da Cunha atribui à herança familiar, a predisposição belicosa do líder religioso, embora este tenha sido descrito como tranquilo e tímido na juventude. O fato que desencadeou a manifestação das características latentes teria sido o adultério da sua esposa. Após o fatídico episódio, ele abandona sua terra natal, Quixeramobim no Ceará, vai para o Sul do Estado e desaparece, reaparecendo dez anos depois na Bahia, já com sua aparência de profeta e envolto por lendas. A disciplina de asceta, com todas as suas dores e misérias, legitimava sua santidade e atraía cada vez mais seguidores. Agindo como um profeta veterotestamentário, põe-se a denunciar e a combater o poder estatal e sua república, e o poder eclesiástico representado pela Igreja Católica que, segundo suas palavras, tornara-se serva de Satanás. Seu discurso era escatológico, os seguidores deveriam se desapegar de todas as coisas mundanas porque o fim estava próximo.

A crescente influência do asceta fez com que as autoridades instituídas, insufladas principalmente pelas exigências dos padres, tomassem providências. Uma primeira expedição, não com mais de duzentos homens, fora enviada para acabar com os insurgentes. Naquele sertão, os rebeldes venceram utilizando, principalmente, os obstáculos naturais que lhes eram tão familiares. Contudo, Conselheiro sabia que a vitória era apenas o prenúncio de batalhas mais difíceis. O líder e seus seguidores vão para Canudos, uma fazenda transformada em vilarejo. Com a chegada dos rebeldes em 1893, o lugar obscuro revive e cresce rapidamente sob a força do carisma do Beato que atraía pessoas de todas as cidadelas daquela redondeza. O efervescente povoado de Canudos, com sua arquitetura rudimentar, torna-se, então, o local sagrado, protegido das maldições que assolam o mundo externo. Ali se instaurou uma forma de religiosidade modelada conforme as diretrizes do profeta do sertão, cujo arbítrio fez com que se estabelecesse naquela comunidade uma organização social quase clânica. No entanto, a rigidez de Conselheiro, expressa em duras penitências, não impediu os sertanejos de levarem a termo seus desejos carniais. O sinal mais evidente disso são os filhos espúrios que nasciam. Se, por um lado, o líder não deixava de condenar o comportamento dos seguidores como pecaminoso, por outro, tolerava-o.

Os melhores discípulos, por mais contraditório que possa parecer, eram aqueles que tinham suas vidas marcadas pelo crime. Estes ajudavam a fortalecer a autoridade de Antônio Conselheiro e expandir seus domínios. À medida que o movimento crescia, aumentava também o desejo de mostrar que Deus estava com eles, assim, empreendeu-se a construção de uma nova igreja, bem diferente da capela que fizeram outrora. O novo templo, projetado pelo próprio líder, surgiu imponente diante daquela arquitetura precária do arraial.

Euclides da Cunha encerra a segunda parte – O HOMEM - narrando o episódio em que a Igreja Católica envia alguns clérigos para tentar demover o movimento e implantar uma missão no povoado. Embora tivessem permanecido por um tempo e realizado alguns sacramentos, os representantes da Igreja Oficial foram veementemente rejeitados. A fidelidade dos sertanejos ao Beato era inabalável e os fizeram resistir até a morte, certos de que encontraria do “outro lado” o paraíso.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi particularmente envolvida e dedicada ao livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha. O livro foi trabalhado com fichamento de fontes, que foram estruturadas para análise e discussões críticas.

Junto com o orientador foram realizadas reuniões para discutir os métodos, as ideias, sendo algumas atividades realizadas em casa até mesmo com a fonte principal, atualmente a internet. As reuniões feitas semanalmente deixaram o trabalho mais eficaz e prolífero, gerando ótimos frutos de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Euclides da Cunha estuda a gênese, a formação do brasileiro, resultante dos cruzamentos entre o indígena, o negro e o português. Desta mistura, por muitos motivos, não resulta um tipo étnico único para o Brasil: "*(...) não temos unidade de raça*".

Para o estudo da formação étnica do sertanejo, Euclides estuda o povoamento das regiões banhadas pelo rio São Francisco. O sul foi povoado pelos bandeirantes; a região média, pelos vaqueiros, e no norte seco, pelas missões jesuíticas.

As cidades que margeiam o sertão de Canudos são originárias de missões e aldeamento de índios, como atestam seus nomes: Panibu, Patamoté, Uauá, Bendegó, Cumbe, Jeremoabo entre outras. Seus habitantes resultam de cruzamentos, com predominância do índio sobre o branco e sobre o negro.

Isolados pelo deserto, sua mestiçagem foi uniforme. Embora a mistura de raças diferentes seja prejudicial, os sertanejos formaram uma raça forte.

O isolamento de um povo fortalece a espécie, mas é fator determinante da estagnação, provocando o atraso, o conservadorismo, a igualdade de pensar, de sentir, de agir... O isolamento torna-se retrógrado, mas não degenerado.

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços do litoral. A sua aparência, entretanto, (...) revela o contrário. (...) É desengonçado, torto. (...) Reflete a preguiça invencível, (...). Basta o aparecimento de qualquer incidente (...) transfigura-se. (...) reponta (...) um titã acobreado e potente (...) de força e agilidade extraordinárias." Veste-se de couro, protegendo-se dos espinhos da caatinga. É vaqueiro. Sua cultura respeita antiquíssimas tradições. Torna-se um retirante, impulso pela seca cíclica, mas retorna sempre ao sertão.

Sua religião, como ele, é mestiça. O catolicismo atrasado se mistura aos candomblés do índio e do negro e se enche de superstições, credices e temores medievais, conservados pelo isolamento, desde a colonização. Ele é crédulo, supersticioso, e esse deixa influenciar por padres, pastores e falsos profetas...

Neste ambiente, surgiu Antônio Conselheiro, que absorveu as crenças do seu meio. Fixou-se em Canudos com seus seguidores, que acreditavam na certeza de ir para o céu se mortos em combate, defendendo uma causa sagrada.

O Conselheiro, Antônio Vicente Mendes Maciel, nasceu em Quixeramobim, no Ceará. Trabalhou com o pai comerciante, que morreu ao se desentender com os Araújo, seus inimigos. Depois dos casamentos das irmãs, ele se casou logo se desiluiu com a traição da companheira. Envergonhado, mudou-se, sem se fixar: Sobral, Campo Grande, trabalhando como caixeiro e escrivão de juiz.

Desapareceu. *"Morrera por assim dizer"*.

Reapareceu dez anos depois, nos sertões de Pernambuco e em Itabaiana (SE), em 1874, impressionando os sertanejos: com ótima aparência e vestimentas, ele pregava nos povoados uma doutrina confusa, que se misturava às rezas de dois catecismos que carregava "Missão Abreviada" e "Horas Marianas". Pregava o fim do mundo, a preparação para a morte, a penitência e outros temas complexos e confusões porém a multidão o seguia, sem que ele a convocasse. Fazia prédicas e profecias, casamentos e batizados, reconstruía igrejas, muros de cemitérios entre outras obras e boas ações; O clero o tolerava e procurava, deixando-o pregar, até mesmo contra a República, que interveio em áreas regidas pela tradição e reservadas à religião. Como aumentasse seu ataque, a Igreja tentou interrompê-lo.

Em Bom Conselho, reuniu o povo num dia de feira e queimou as tábuas dos impostos, discordando das leis republicanas do governo de Satanás. O acontecimento repercutiu e a polícia reagiu. Perseguido, o Conselheiro tomou a estrada de Monte Santo, defrontando-se com a tropa em Maceté. Os 30 praças armados atacaram. Os jagunços os desbarataram.

O Conselheiro - conhecedor do sertão - e seus seguidores tomaram o rumo do norte. Chegaram a Canudos, em 1893, uma fazenda abandonada às margens do rio Vaza-Barris. *"Era o lugar sagrado, cingido de montanhas, onde não penetraria a ação do governo maldito"(...)* *"O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas"*. Sem ordem, sem ruas: um verdadeiro labirinto, com casa de pau-a-pique, habitadas por um população multiforme, de sertanejos simples, beatas, ricos proprietários que abandonavam tudo em busca da salvação e por bandidos ali protegidos, que respeitavam as regras: rezar e fazer sacrifícios para alcançar a vida eterna. A igreja, uma fortaleza, a mais importante obra do Conselheiro, estava diante da praça. Euclides descreveu a lei mantida por facínoras, as rezas, os sermões, as danças, o dia-a-dia do aglomerado e os tipos fascinantes dos heróis: João Abade, Pajeú, João Grande, Vila Nova, Chico Taramela, Macambira, Beatinho...

Antônio Conselheiro pregava contra a República, contra o governo do Anti-Cristo e da lei do cão. "Mas não traduzia o mais pálido intento político". Os jagunços, "rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa", não conseguiam diferenciar a República da Monarquia.

E o povo versejava e cantava;

"Casamento vão fazendo/ Só pro povo iludir/ Vão casar o povo todo/ No casamento civil".

"Visita nos vem fazer/ Nosso rei D. Sebastião/ Coitado daquele pobre/ Que estiver na lei do cão".

"Eram realmente, fragílimos, aqueles pobres rebelados..."

"Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta."

"Entretanto enviamos-lhes (...) a bala".

CONCLUSÕES

Enfim, as conclusões, que poderíamos chegar à cerca da visão de Euclides da Cunha sobre o sertanejo nordestino, são amplas e pertencentes ao contexto político-econômico da época. A inserção das teorias racial-cientificista no Brasil do início do século XIX está intimamente ligada à República nascente, que as recupera e as introduz num modelo liberal de concepção estatal. Torna-se, assim, um paradoxo que dá origem a dois modelos explicativos sobre a construção da sociedade brasileira, no entanto contraditórios: o primeiro fundamenta-se no indivíduo e em sua responsabilidade pessoal; o segundo retira a atenção colocada no sujeito e centra-a na atuação de grupo entendido como resultado de uma estrutura biológica.

Assim, nos interessa saber como o argumento racial foi inserido e como ele foi adaptado ao Brasil, que é um país miscigenado. A conceitualização de raça encontra no país problemas de atuação devido a essas características. Teóricos científicistas passam nesse momento pela emergência de criar uma visão científica, que pudessem encaixar no Brasil. No interior dos estabelecimentos, os cientistas e políticos, pesquisadores, literatos e acadêmicos tomaram para si a tarefa de abrigar uma ciência positiva e determinista para encontrar saídas à nação brasileira. Dentro desta perspectiva é que encontramos o pensamento de Euclides da Cunha.

Euclides da Cunha, conviveu e percebeu na realidade social de Canudos algo que não achava em suas teorias. Ele escreve Os Sertões, com o intuito de mostrar a sociedade brasileira à vida de uma sub-raça, pretensamente esquecida. Contudo, ao vislumbrar o seu cotidiano modifica o seu ponto de vista considerando o sertanejo um tipo social brasileiro e, que deveria ter mais atenção do governo republicano. Pois os considerava uma sub-raça superior do que as litorâneas.

Ele consegue perceber, que as dificuldades do sertanejo nordestino são provindas da forma como eles são tratados pelo Estado. Porém, vê, também, na miscigenação a culpa de seu modo de vida, demonstrando à sociedade brasileira a emergência de criar-se um espaço para tais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Editora Cultrix. São Paulo: 1985;

MOURA, Clóvis. Introdução ao Pensamento de Euclides da Cunha. Ed.: Civilização brasileira S. A. Rio de Janeiro, 1987;

CITELLI, Adilson. Roteiro de Leitura: Os Sertões. Editora Ática. São Paulo: 2002;

CESAR, Guilhermino; Donald Schüller; Flávio Loureiro Chaves. Euclides da Cunha. Editora da Faculdade de Filosofia da UFRGS. Porto Alegre: 1966;